



Tristeza não tem fim felicidade sim

O bem e o mal, não.

Prisma.

Iza Cremonine

Vou abrir um pouco mais a janela. Aos sábados o barulho diminui. A tarde está fresca. Sentem-se. O que espero? Tantas coisas e quase nada. Dias amenos, uma atmosfera propícia, sem dor. Fico enclausurada semanas, meses, feito coruja; na penumbra as imagens proliferam em turbilhão. O quarto protege um corpo como o meu: pele fina, transparente, veias saltadas, quase víscera. Um copo d'água? Não querem mesmo? A Gata está por aí? Gosto de tê-la por perto. Sim o nome da gata é Gata. Vocês têm tela de proteção para emprestar? Pode ser fina, não tem problema, ao menos uma mínima cobertura ajuda, conforta. Costumo usar meia-calça grossa, colete por cima da blusa, várias camadas de tecidos. Sinto frio quase o tempo todo. Piora ao cair da tarde. Sim, já trabalhei com roupas usadas. Meu brechó abria aos domingos, na feirinha do Bexiga. Conhecem? Foram dias de festa, salpicados de vendas e conversas. Risadas. Saudades, sobretudo do João, dos seus braços longos, inquietos. Ainda falo com ele ao telefone. Uma vez ao ano jantamos juntos. Com uma pequena máquina de fotografia registrei grandes momentos. Reparem só a Vera Fischer, a Sonia Braga e o João aqui, tão alegre. Na praça, recebíamos visitas de todo tipo: os ilustres, os excêntricos, os desajustados e os funcionais (estes estão por toda parte, uma peste). Gosto da pose desse homem de franja azul ao lado da guitarra. Parece um personagem de quadrinhos prestes a voar. Coleciono roupas pensando em voltar ao comércio. Guardo peças especiais, selecionadas à minúcia. Tenho um casquete bordado com pequenas pérolas, vejam que lindo! Uma raridade; não existem mais. Será que um dia volta a moda? O meu tem aura. Foi usado pela Cacilda Becker, não lembro mais em qual peça, ela fez tantas. Atriz maravilhosa. Eterna musa. Vocês viram o pôster dela na cozinha? Ganhei do João. Cheguei a assisti-la em *Esperando Godot*. Não é do tempo de vocês, 1969. Impressionante. Fiquei atônita com aquele diálogo ziguezagueante. Fui três vezes ao teatro. Verdade. Um deleite assistir a peça tantas vezes. A vida é feita de espera. É preciso esperar. Tem outro jeito? Dormi sobre esse tema noites e noites. Dormir em cima é o melhor



a fazer na dificuldade. Experimentem. Já esperei muito, tantas coisas. O que tanto espero? Quem não espera? Pressinto um equívoco nessa ideia. Agora me contento com dias amenos, solares, nem muito quentes nem frios. Deslocamentos milimétricos. Vida mínima. Adoro o brilho do outono. Espero por ele, ano após ano. Revê-lo uma vez mais. Revê-lo num outro viés. O tempo tem muita influência sobre nós. Já notaram? Minha tônica: abrir e fechar janelas. Esperar. Penso: o telefone tocará? Trará uma desgraça? Uma boa nova? Vou levantar um pouco. Ufa! Não posso falar sem mexer o corpo, as mãos. Origem italiana. Não sei ao certo, umas oito, ou talvez dez malas. Tenho muita coisa acumulada, mesmo tendo perdido uma ou outra peça. Levo comigo a bagagem de muitas vidas. Dentro de uma vida cabem muitas vidas. Não é fácil armar a barraca, levar tudo de lá para cá. Canso só de lembrar. Seria bom livrar-me desse peso enorme, não consigo. Quem sabe volto às vendas, preciso ajudar minha irmã nas despesas da casa. Ela fica muito preocupada com dinheiro e eu compareço pouco, menos do que gostaria. Problema eterno. Não gosto de vê-la exasperada, e mesmo assim não encontro saída, energia para armar a tal barraca. Cada um com sua carga, seus abandonos, suas dores, suas alegrias, suas lembranças. Esquecer seria um presente. Não, não estou chorando, são apenas lágrimas. Elas pulam sem aviso prévio, quando percebo estou molhada. Passa logo, não se preocupem. Não entendo muitas coisas que acontecem. Seria bom estudar, aprender mais. Faltou-me uma formação intelectual. Conhecer os filósofos. Quem sabe minha vida teria sido diferente. Talvez. Cacilda! Ela inspira minhas cenas no teatro. Sou muito grata a ela, sua lembrança é uma espécie de amuleto solar, iluminador. Ajuda a concentrar, a penetrar numa sintonia especial e aguardar o momento certo de entrar em ação. Nas cenas, minha respiração muda, aprofunda, gira. Acreditem. É um banho de vida. Depois vem o vazio, a queda, a solidão, o silêncio, a penumbra do quarto, o murmúrio da cidade. Rezo para Santo Expedito com todas as minhas forças por mais apresentações. Vivo às voltas com a espera de novas oportunidades. Sossega leão, acorda, volta Cacilda. Vocês viram como ela era linda? Que vida curta! Só não vi mais vezes Godot porque ela morreu em cena. Uma fatalidade! Quase inacreditável. Teve um aneurisma fulminante. Foi do palco para o coma. Morreu tão nova. Não esqueço o seu Estragon: rosto lívido, nariz empelotado, apalermado, trágico, extremamente trágico. E o que veio depois, só mais tragédia. Esperar tanto para quê? A espera já é a vida, a vida é essa vida minúscula do nosso dia a dia: o café com leite da esquina. Faço isso sempre, ajuda a



me manter aquecida, e ainda posso observar as pessoas, os casais, os jovens, os solitários, os velhos; não deixo de observar cada rosto. Vocês não vão acreditar: num dia de 1969 tomei uma média com a Cacilda. Cheguei mais cedo no teatro para comprar ingresso e fui até o bar fazer hora. De repente, quem entra? Ela, a própria. Disse logo que era sua fã e agradeceu pela peça; a essa altura tinha assistido *Godot* duas vezes. Ela mal acreditou na minha assiduidade, no meu interesse. Fiquei encantada com a maneira como gesticulava com os dedos para mostrar como colocava a pelota no nariz para fazer o *Estragon*. Soberba. O meu ser híbrido do *Finnegansueinzz* é em parte inspirado nesse personagem; pertencem a mesma família de personagens trágicos, com ar súplice, um tanto misteriosos; habitantes de um mundo em ruínas. Mas no meu híbrido vive um dinossauro, um bicho extinto há muito. Não sei como ele veio me visitar, só sei que veio. Às vezes percebo-me muito, muito antiga, fora do tempo, desparalelada. Nossa, perdi o fio. Onde estava? No *Estragon*. Num de meus estudos estapafúrdios observei os mendigos do centro da cidade. Os ninhos de cobertas feitos por eles nos recantos mais inesperados. Verdadeiras esculturas. Comecei a experimentar ninhos para dormir. Se eu esperava *Godot*? Sim claro, e ainda espero, não resta dúvida. E vocês? Somos todos *Estragon*, Vladimir. Seres de espera, a espera de algo mais. O que mais pode ser a vida, a nossa vida? Um gesto, um toque, um ato, uma palavra. Por uns anos, morei sozinha no Copan, esse prédio tão charmoso. Uma grande ondulação fincada em meio à cidade. Ah! Saudades da minha quitinete. Amava-a muito, é sincero. Depois de tantas pensões, foi um luxo encontrar um espaço tão bem projetado. *Sou bicho que reconhece (e conhece) quando o chão é bom*. Admiro os arquitetos. Têm um trabalho nobre: transformar o espaço do mundo em algo belo. Eu? Modifico as camisetas de propaganda que ganho por aí: colo tecidos, bordo fitas de cetim. Sou um pouco arquiteta? Sim, é verdade, uma arquiteta munida de cetim. Se pudesse colocar mais cetim na minha vida. Na vida dos outros! Fiz até uma espécie de *Álbum – Copan*, rodeado de cetim, claro. Cortava e coletava notícias de vários tipos de publicações sobre o prédio. Uma homenagem, um hino de amor. Vejam um pequeno trecho do que escrevi ao proprietário quando deixei o 1813. *Meu primeiro quitinete (sem plágios). Deixei-o com melhorias. Tenho certeza de haver colaborado também com ideias para o melhor convívio entre moradores (infelizmente, repito, nem todas possíveis na prática, nesta atual fase por que passa o Copan, ou pelo menos, o Bloco B. E o meu “infelizmente” é bem pesaroso, creiam). Neste bairro, que é o Copan, notam-se (em todos os*



*blocos), detalhes da arquitetura preciosa, e acabamento igual, somente se depreciano assustadoramente, não compreendo, ainda, por que. Agradecendo a atenção, despeço-me, cordialmente. Vocês notaram a cor rosa do papel? É mesmo muito fino, delicado, especial. Tantas histórias aconteceram ali. Lia muito aconchegada no meu pequeno sofá de camurça vermelha. O que eu lia? Elizabeth Bishop, Nabokov, do Machado de Assis, Quincas Borba, Simone de Beauvoir, Edgar Allan Poe e contos, muitos. Boa companhia. Vocês conhecem? *A arte de perder não é nenhum mistério; tantas coisas tem em si o acidente de perdê-las, que perder não é nada sério. Perca um pouquinho a cada dia. Aceite, austero, a chave perdida, a hora gasta bestamente. A arte de perder não é nenhum mistério.* Bishop. Perder, perder. Não é nada fácil. Nossa, vou chamar a Cacilda. Meu retalho preferido. Tenho meus truques para lidar com a sensibilidade excessiva. Nem sempre funciona, mas tento, sigo em frente, sonho com cavalos em movimento. Sou um deles. Corro o risco de desaparecer na poeira. Tantos já desapareceram. Mas insisto, apesar do deserto. Na época do Copan, queria mudar o mundo. Nem meu pequeno mundo pude salvar do vento forte. Namorei o João na época da ditadura. No fogo da paixão, vi a polícia o levar na minha frente e não pude fazer nada, a não ser calar e continuar caminhando na calçada como se não tivesse nada comigo. Tinha marcado um encontro numa padaria da Haddock Lobo, de lá iríamos ao cinema. Deu tudo errado. Fiquei meses sem notícia nenhuma, em casa, apavorada, com medo de tudo, até de falar. O corpo triste, ardente. Foi muito difícil. Soube depois que ele foi um daqueles presos trocados pelo embaixador americano. Teve sorte, conseguiu escapar para a França. Quando nos vimos pela primeira vez, depois da anistia, foi uma comoção, mas eu já era outra pessoa e ele também. Ficamos amigos, bons amigos. Ele estava lento, menos impulsivo do que quando o conheci. E eu, carregava os ossos a custo, depois de algumas fraturas. A vida nunca foi fácil para mim. Um grande alento é sempre o teatro. Uma alegria. Foi o que me salvou, e ainda salva. Em que outro lugar podem aparecer as pegadas do meu dinossauro? O seu coração fumegante, tresloucado e aracnídeo?*

Esse texto é uma homenagem a Iza Cremonine, atriz da Cia Teatral Ueinz, falecida em junho deste ano. Embora ficcional, sua matéria prima são fragmentos de fala e de vida que ela deixou no ar, ao longo dos 14 anos em que frequentou a companhia.

Paula Francisquetti